

Marta Wojnowska 

Universidade Jaguelónica, Cracóvia

m.wojnowska@uj.edu.pl

Receção da obra de Olga Tokarczuk em Portugal e no Brasil e o problema da intraduzibilidade cultural com base no romance *Prowadź swój plug przez kości umarłych*

Resumo:

O artigo consiste na análise da receção da prosa de Olga Tokarczuk em Portugal e no Brasil, bem como na análise comparativa do romance *Prowadź swój plug przez kości umarłych* nas traduções para o português no padrão europeu e no brasileiro, efetuadas por Teresa Fernandes Świątkiewicz e Olga Bagińska-Shinzato.

Palavras-chave: Tokarczuk, receção, análise comparativa, crítica de tradução, estratégias de tradução

Abstract

Reception of Olga Tokarczuk's work in Portugal and Brazil and the problem of cultural untranslatability based on the novel *Prowadź swój plug przez kości umarłych*

The article consists of the analysis of the reception of Olga Tokarczuk's prose in Portugal and Brazil, as well as the comparative analysis of the novel *Prowadź swój plug przez kości umarłych* in Portuguese translations in the European and

Brazilian standards, carried out by Teresa Fernandes Świątkiewicz and Olga Bagińska-Shinzato.

Keywords: Tokarczuk, reception, comparative analysis, translation criticism, translation strategies

Introdução

Traduzir de uma língua para outra e, desta maneira, aproximar as pessoas umas das outras – é uma bela ideia.
~Janina Duszejko (Tokarczuk 2009/2019a: 241)

De acordo com o Instituto do Livro (pol. Instytut Książki), a prosa de Olga Tokarczuk foi traduzida para quase 40 línguas, o que significa cerca de 200 traduções em todo o mundo (Instytut Książki, “Olga Tokarczuk”). Segundo os dados fornecidos pela Associação de Tradutores Literários (pol. Stowarzyszenie Tłumaczy Literatury), nos seus textos trabalharam mais de 90 tradutorxs e cerca de 100 editoras decidiram publicar os livros de Tokarczuk. A primeira tradução, que surgiu em 1996, era dinamarquesa e tratava-se do livro *E.E.*, uma versão proposta por Runa Kildegaard-Klukowska; entretanto, a maioria dos títulos foi sendo traduzida para as línguas dos países vizinhos da Polónia, bem como para o francês e o sueco (STL, “Książki Olgi Tokarczuk na świecie”).

Em setembro de 2020, ocorreu uma conferência translatória em Nova Iorque, organizada pela PEN America, na qual participaram 10 tradutorxs da obra de Olga Tokarczuk, provenientes de 9 países. As palestras diziam respeito à própria arte da tradução, aos contatos diretos entre xs tradutorxs e a escritora, bem como às dificuldades que enfrentaram traduzindo os livros. Especialmente xs tradutorxs de fora dos países eslavos admitiram que a literatura polaca não era muito popular nos seus círculos culturais, mas que se tornou reconhecida depois de a escritora ter sido galardoada com o Prémio Nobel e Man Booker International Prize. No entanto, o tradutor dos romances de Tokarczuk para a língua ucraniana, Ostap Slyvynsky, admitiu que “[...] a escritora, que tem raízes ucranianas, é muitas vezes tratada como

uma ucraniana, ao contrário dos factos”.¹ Um dos palestrantes, Robert Szaniawski, diretor do Instituto da Cultura Polaca em Nova Iorque (ing. Polish Cultural Institute in New York), apontou para o papel fundamental da escritora na promoção da cultura polaca fora do país:

Quanto mais tradutores instruídos e qualificados, mais livros polacos aparecerão no estrangeiro. Depois de ser honrada com o Prémio Nobel, Olga Tokarczuk é hoje a primeira figura da literatura polaca e, indiscutivelmente, a mais importante quando se trata da sua imagem no estrangeiro. É um ímã que atrai o interesse pela literatura polaca.²

Traduzir a prosa de Olga Tokarczuk é, sem dúvida, um desafio, levando em conta a poética da escritora que, à primeira vista, pode parecer bastante simples, o seu humor específico cheio de ironia, mas também a sua formação – é psicóloga, o que também se reflete nos seus textos. Ao analisá-los, é preciso atentar em numerosas camadas interpretativas, nomes específicos empregados, bem como nos retratos psicológicos das personagens criadas que são bastante complexos. O romance *Prowadź swój plug przez kości umarłych*, que servirá de pano de fundo à nossa análise, não foi escolhido por acaso. É um livro pioneiro na Polónia em termos da temática abordada que explora pormenorizadamente as questões do discurso animal na área das humanidades e reflete como se desenvolve (ou não) a consciência social sobre as relações homem-animal. O romance é um tratado multidimensional sobre a moralidade, disfarçado de forma leve de romance policial e é esse aspeto, entre outros, que examinaremos no contexto das traduções para o português no padrão europeu e brasileiro, efetuadas por Teresa Fernandes Świątkiewicz e Olga Bagińska-Shinzato, respetivamente.

¹ “[...] pisarka, mająca częściowo ukraińskie pochodzenie jest nieraz traktowana wbrew faktom jako Ukrainka” (Dobrowolski, 2020).

² Salvo indicação contrária, todas as traduções são da minha autoria: “Im więcej wykształconych, wykwalifikowanych tłumaczy, tym więcej polskich książek będzie się pojawiało za granicą. Olga Tokarczuk po uhonorowaniu Nagrodą Nobla jest teraz pierwszą postacią polskiej literatury, bezsprzecznie najważniejszą, jeśli idzie o jej wizerunek za granicą. Jest magnesem, który przyciąga zainteresowanie polską literaturą” (Dobrowolski, 2020).

O livro foi traduzido para estas duas variantes da língua, pois os mercados editoriais de ambos os países funcionam separadamente, tornando-se ainda mais profícuo analisar o romance em questão, enraizado fortemente na realidade polaca e eslava, distante dos horizontes cognitivos dos leitores de Portugal e do Brasil.

Receção da obra de Olga Tokarczuk em Portugal e no Brasil

O público português teve a oportunidade de se familiarizar com diversos nomes proeminentes da literatura polaca, não apenas no campo da prosa, mas também da poesia e do jornalismo, tais como Sławomir Mrożek, Stanisław Lem, Zbigniew Herbert, Czesław Miłosz, Wisława Szymborska, Witold Gombrowicz, Bruno Schultz e Ryszard Kapuściński. Nos últimos anos, têm ganhado popularidade em Portugal nomes contemporâneos como Paweł Huelle, Andrzej Sapkowski e Olga Tokarczuk, sendo esta última o foco da nossa pesquisa.

Os leitores portugueses têm acesso a seis romances de Tokarczuk, traduzidos para a sua língua materna, nomeadamente, *Casa de Dia*, *Casa de Noite* (2021)³, *A Alma Perdida* (2020), *Outrora e Outros Tempos* (2020), *Conduz o teu arado sobre os ossos dos mortos* (2019) e *Viagens* (2019), todos lançados pela editora Cavalos de Ferro. O primeiro romance lançado, isto é, *Viagens*, foi traduzido por Teresa Fernandes Świątkiewicz e outros tradutores como Olga Bagińska-Shinzato, Gabriel Borowski e Tomasz Barciński também contribuíram para trazer as obras de Tokarczuk para o público da língua portuguesa.

O editor da Cavalos de Ferro, Diogo Madre Deus, falou sobre a recepção da obra da autora em Portugal e o sucesso do seu primeiro livro, numa entrevista depois da atribuição do Prémio Nobel à autora, e coincidentemente antes do lançamento do segundo livro dela em território português – *Conduz o Seu Arado sobre os Ossos dos Mortos*, em 2019: “[...] não era de todo conhecida em Portugal, embora já tivesse uma importante carreira literária, mas o seu primeiro livro teve bastante sucesso entre o público português”, comentando seguidamente

³ Em parênteses encontra-se o ano de lançamento em Portugal.

o próximo livro a chegar às livrarias: “[os temas abordados] têm provocado alguma controvérsia nos meios mais conservadores da sociedade polaca, porque põe, por exemplo, em causa, a relação tradicional entre o Homem e a Natureza” (Sapo, “Nobel para Olga Tokarczuk foi ‘ótima surpresa’”). O sucesso do livro anterior, aliado à notícia do Prémio Nobel, fez com que o segundo lançamento da autora fosse apresentado numa edição reforçada antes da sua estreia oficial nas livrarias portuguesas. A primeira tiragem contou com 2.500 exemplares e, conforme a fonte da editora relatou à agência de notícias Lusa: “No dia do anúncio foi de imediato dada a ordem para reimprimir mais 5.000 exemplares” (RTP, 2019).

A temática da receção da obra da autora em Portugal foi abordada também durante o encontro realizado a 9 de dezembro de 2019 na Universidade Aberta, organizado pelo Departamento de Humanidades, sob a coordenação da Professora Hanna Batoréo e do Professor Gerald Bär. A palestra foi dedicada à laureada com o Prémio Nobel de Literatura, Olga Tokarczuk, e ao laureado Peter Handke. Xs convidadxs que compartilharam as suas experiências nesse âmbito foram a Dra. Teresa Fernandes Świątkiewicz, tradutora, e o Dr. Diogo Madre Deus, editor da Cavalo de Ferro, que discorreu sobre a introdução das obras da escritora polaca no mercado português e a sua receção entre o público. Durante a sua intervenção, o editor relembrou o seu primeiro contato com os livros de Tokarczuk (ainda em tradução inglesa) e os anos de 2017 a 2018 quando “duma autora localizada e regional quase, passa a ser uma autora mundial” (Batoréo, Bär, 2019). O editor decidiu adquirir os direitos do livro *Viagens* e, ao mesmo tempo, apostar no *Conduz o Teu Arado sobre os Ossos dos Mortos*, encontrando-se num momento em que precisava de um tradutor ou de uma tradutora do polaco. Então aconteceu uma ocorrência muito afortunada, porque recebeu um e-mail de Teresa Fernandes Świątkiewicz, dizendo que queria propor “uma autora magnífica que vai ganhar prémios”. Ainda em março de 2019 foi publicado o livro *Viagens*, entretanto Tokarczuk venceu o International Booker Prize, o que aumentou o sucesso também em Portugal e fez com que a autora se tornasse cada vez mais conhecida. Falando sobre a presença dxs autorxs dos círculos culturais

ou literários mais periféricos, Madre Deus salientou que a qualidade da escrita não implicava por si um êxito, sendo um processo muito lento, mas “no caso das *Viagens*, pelo contrário [...]. As coisas correram muito rapidamente e passado um mês, estávamos a imprimir novamente. Depois foi uma coincidência muito feliz, o *Arado* [taquigrafia] estava para ser publicado no ano seguinte, em 2020”. A tradutora começou logo a trabalhar na tradução do segundo livro, o processo correu muito habilmente e, como recordou o editor, a obra “saiu exatamente numa segunda-feira e na quinta-feira ganhou [Olga Tokarczuk] o Prémio Nobel. Acho que nunca mais na vida me irá acontecer uma coisa destas”. Diogo Madre Deus resumiu de uma forma muito positiva a receção da autora no mercado literário português, argumentando:

A receção da parte crítica foi muito entusiasta [...]. Isso tem a ver com o facto de ser uma escritora que tem um pé assente na atualidade, ela é uma escritora muito literária, mas também alguém que aborda os temas de hoje: sociais, políticos, ambientais, etc. e é uma escritora relativamente jovem, ou seja, fala para as novas gerações e não tenho dúvidas que os dois próximos romances que a Teresa está em vias de traduzir e que irão ser publicados para o ano, também irão ser um sucesso.

Tokarczuk entrou no mercado de leitura brasileiro através da editora Todavia, que até ao momento publicou quatro dos seus títulos – *Sobre os Ossos dos Mortos* [2019]⁴, *A Alma Perdida* [2020], *Correntes* [2021] e *Escrever é muito perigoso* [2023]. As traduções foram realizadas por Olga Bagińska-Shinzato e Gabriel Borowski. Importa ressaltar que o romance *Correntes* foi anteriormente lançado pela editora Tinta Negra em 2014, sob o título *Os Vagantes*, traduzido por Tomasz Barciński, sem despertar grande interesse do público ou da crítica na época. A popularidade da escritora no Brasil cresceu significativamente após o anúncio do Prémio Nobel; ainda em 2018, quando foi laureada com o Man Booker International Prize pelo livro *Os Vagantes*, naquela altura o único da sua autoria no mercado brasileiro, podíamos ler na imprensa que “a autora segue desconhecida

⁴ Em parênteses encontra-se o ano de lançamento no Brasil.

e o livro causou pouco alvoroço” (Budant, 2018). A própria tradutora, Olga Bagińska-Shinzato, também falou sobre a receção da autora no Brasil, durante a conferência “Translating the Future Finale: a Flight of Tokarczuk Translators”, ocorrida no dia 25 de setembro de 2020, dedicada às traduções dos livros de Tokarczuk e à sua presença no mundo literário. A tradutora lembrou que inicialmente o interesse pela obra da escritora era ínfimo, mesmo entre as editoras, limitando apenas a um grupo que tinha alguma relação com a literatura do Leste Europeu. Confirmou também que a popularidade crescera significativamente após o Prémio Nobel, a receção era muito boa e o interesse continuava vivo, como menciona durante a conversa: “People even write straight to me on Facebook and ask when Olga’s books are going to be published” (Center for Humanities, 2020), apontando assim para o êxito da escritora e uma perspectiva bem prometedora para a sua presença no Brasil no futuro. Olga Bagińska-Shinzato enfatizou as peculiaridades do mercado editorial brasileiro e as dificuldades enfrentadas pelxs autorxs estrangeirxs:

The thing is that the Brazilian publishing market is also very big, you have lots of Brazilian authors, so foreign authors don’t have that much space, especially the Eastern Europeans. They’re known in very limited circles, academic I would say. So, to really get to the general public it’s not that easy, but I think that Olga managed to do it.

Recentemente, em virtude das publicações subsequentes, tem havido um aumento na apreciação crítica das obras traduzidas de Olga Tokarczuk. Nas resenhas não-profissionais dos livros, são frequentemente encontradas expressões de admiração, tais como “um suspense não convencional, com teor filosófico e que reflete sobre temas como a loucura, a injustiça contra indivíduos marginalizados e os direitos dos animais” (Andrade, 2019), “com as frases de Tokarczuk, encontramos um mosaico onde temas e lugares se repetem e se relacionam”, “um manifesto (ou um panfleto) pelo respeito aos animais” (Moreno de Castro, 2020), “uma pensata sobre o envelhecimento” (Moreno de Castro, 2020). É interessante observar o destaque dado à autora pelo jornal brasileiro “O Estado de S. Paulo”, que tem mencionado

repetidamente a escritora nos seus artigos desde 2019, com manchetes como: *Olga Tokarczuk analisa a natureza do mal em «Sobre os Ossos dos Mortos»* [2019] (Nogueira, 2019), *Olga Tokarczuk rejeita a cidadania honorária da Baixa Silésia, na Polónia* [2020] (Agências, Associated Press, 2020), «Sem cultura sociedade nenhuma sobreviverá», diz *Olga Tokarczuk, Nobel de Literatura* [2020] (“Sem cultura sociedade nenhuma sobreviverá’...””) ou *De Olga Tokarczuk a Pedro Mairal, escritores ganham o mundo com traduções* [2022] (Alter, 2022).

Olga Tokarczuk também tem sido objeto de estudo académico, como exemplificado pelo artigo de Luís Cláudio Ferreira Silva e Marco Antonio Hruschka Teles, publicado na revista “Travessias” da Universidade Estadual do Oeste do Paraná em 2021, intitulado «*Sob os Ossos dos Mortos» e a condição dos animais não-humanos*, que aborda questões éticas e de abolicionismo animal à luz dos Estudos Animais. Isso demonstra o interesse significativo na obra da autora, que se reflete nas análises de círculos mais especializados.

No que diz respeito à edição brasileira dos seus livros, como *Sobre os Ossos dos Mortos* e *Correntes*, é relevante mencionar a contribuição da desenhista Talita Hoffmann, responsável pelas capas. A desenhista paulistana é reconhecida internacionalmente no campo das artes gráficas e visuais e expõe o seu trabalho em diversos países ao redor do mundo, incluindo Colômbia, Argentina, Estados Unidos, Finlândia, Inglaterra, Espanha, Austrália ou Coreia do Sul.

Conduz o teu arado sobre os ossos dos mortos e o problema de intraduzibilidade cultural

Uma pequena aldeia situada no Vale de Kłodzko, área geográfica localizada nos Sudetos Centrais, no sudoeste da Polónia, próxima à fronteira com a República Checa – é neste cenário e nos seus arredores que se desenrola a trama do romance de Olga Tokarczuk intitulado *Prowadź swój plug przez kości umarłych*. “Já atingi uma idade e, além disso, um estado em que, antes de me deitar, devia lavar muito bem os pés, no caso de uma ambulância ter de me levar durante a Noite” (Tokarczuk 2009/2019a: 5) – por meio destas palavras, somos introduzidxs ao

mundo desta mulher excêntrica, que atua como professora de inglês a meio tempo numa escola local e que, antigamente, trabalhava como engenheira de pontes na Síria. A sua família é composta por duas cadelas, a quem ela chama de Meninas e que desapareceram em circunstâncias inexplicáveis. Além disso, nos momentos livres, a protagonista traduz poesias de William Blake em parceria com o seu ex-aluno Dyzio, cuida das propriedades no vale – visitadas pelos donos durante as férias – e dedica-se à Astrologia e à leitura de Horóscopos. Enquanto tenta desvendar os assassinatos misteriosos que acontecem na sua vizinhança, Janina acaba envolvida numa série de eventos intrigantes. Este breve resumo do romance evidencia como a trama se desenrola num contexto eslavo muito específico, o que influencia diversas questões abordadas pela autora ao longo do enredo e que serão discutidas como ponto central em relação à intraduzibilidade cultural e às decisões tradutológicas adotadas pelas duas tradutoras. Para enfrentar o desafio de traduzir os aspetos particulares presentes na obra, as tradutoras optaram por estratégias distintas: a tradutora da versão brasileira optou geralmente pela domesticação (ou neutralização) do texto, enquanto a tradutora da versão europeia pareceu ser fiel à estratégia de exotização do texto traduzido, conforme a terminologia proposta por Lawrence Venuti.⁵

No entanto, devido à presença de elementos intraduzíveis e com significado específico para o contexto eslavo, ambas as tradutoras tiveram de tomar decisões estratégicas para preservar o significado original, estando um dos exemplos relacionado com a língua polaca da fronteira, uma área rica em empréstimos, incluindo do russo:

⁵ Lawrence Venuti é teórico americano, historiador de tradução, tradutor do italiano, francês e catalão. No seu trabalho *The Translator's Invisibility: A History of Translation*, publicado em Londres em 1995, realiza uma vasta crítica da literatura traduzida no mercado anglo-americano, onde é notável o apagamento dos vestígios da presença de um tradutor ou uma tradutora, uma tendência a esconder a sua invisibilidade no texto transferido para a língua-alvo e, à vista disso, a eliminação das diferenças culturais. Como ferramentas, o autor introduz dois conceitos, baseados nas ideias apresentadas anteriormente por Schleiermacher – a estrangeirização (*foreignization*) e domesticação (*domestication*).

Wielka Stopa zawsze chodził w **walonkach** i wyświechtanych spodniach, do tego zakładał kraciatą koszulę i pikowaną kamizelkę, bez względu na porę roku (Tokarczuk 2009: 19).

O Pé Grande andava sempre com **valenki, botas de feltro russas**, e umas calças coçadas, acompanhadas de uma camisa aos quadrados e de um colete acolchoado, independentemente da estação do ano (Tokarczuk, 2009/2019a: 15).

Pé Grande sempre usava **valenkis**, calças desgastadas, uma camisa xadrez e um colete acolchoado, independentemente da época do ano (Tokarczuk, 2009/2019b: 12).

Ambas as tradutoras decidiram colocar o empréstimo resultante da fonética da língua russa (в́аленки, IPA: [ˈvalʲɪnkʲɪ]). Świątkiewicz, sendo fiel à estratégia de exotização adotada, escreve a palavra em itálico e acrescenta uma parte adicional da frase explicando o que de facto são “valenki”, esclarecendo o contexto da palavra russa invocada. Na versão de Shinzato, o empréstimo fica sem explicação, o que pode interferir na compreensão do texto, dado que é dirigido ao público brasileiro.

As tradutoras evidenciam divergências de atitude em relação a elementos próprios do círculo cultural polaco. Enquanto a tradutora para o português europeu segue sistematicamente a estratégia adotada e procura esclarecer certos termos sem recorrer a notas de rodapé, a tradutora para o português brasileiro tende a neutralizar as expressões para torná-las compreensíveis. Isso pode ser observado, por exemplo, na tradução de marcas de automóveis polacas:

Kilka dni potem, za nim jeszcze spadł wielki śnieg, widziałam **policyjnego poloneza** przed domem Wielkiej Stopy (Tokarczuk 2009: 46).

Passados vários dias, antes de ter caído o grande nevão, vi **um Polonez da Polícia** em frente da casa do Pé Grande (Tokarczuk, 2009/2019a: 39).

Alguns dias depois, antes que caísse a grande neve, vi **a viatura da polícia** diante da casa de Pé Grande (Tokarczuk, 2009/2019b: 31-32).

Świątkiewicz decide inserir o nome da marca em *itálico*, enquanto Shinzato traduz a palavra como uma “viatura” de carácter neutral. Segue um exemplo relativo ao espaço público polaco:

– Dzień dobry, przepraszam, że niepokoję – odezwał się niskim barytonem, od którego zawibrowało powietrze – Chciałbym kupić trochę mleka od krowy.

– **Od Krowy? – zdziwiłam się. Nie mam od Krowy, mam z Żabki, czy może być?** (Tokarczuk 2009: 183)

– Bom dia. Desculpe incomodá-la – começou por dizer com a voz baixa de um barítono, fazendo vibrar o ar. – Queria comprar leite fresco directamente da vaca.

– **Da Vaca? – perguntei surpreendida. – Não tenho da Vaca, mas tenho do supermercado Rãzinha, pode ser?** (Tokarczuk, 2009/2019a: 163).

– Bom dia. Peço desculpas por incomodá-la – falou num grave barítono que fez o ar vibrar.

– Gostaria de comprar um pouco de leite fresco.

– **Fresco? – espantei-me. – Não tenho leite fresco, apenas de supermercado, pode ser?** (Tokarczuk, 2009/2019b: 135).

Neste contexto, surge um jogo de palavras bastante divertido para xs leitorxs polacxs. A rede de lojas “Żabka” (port. “Rãzinha”), popular na Polónia e presente em quase todas as cidades, torna-se um elemento que, embora icónico para xs polacxs, perde o seu significado para xs leitorxs fora desta realidade – a “iconicidade” tem de ser perdida na tradução. Quando o visitante inesperado de Duszejko pede “leite da vaca”, temos dois nomes de animais na mesma frase, criando um jogo divertido. Enquanto Świątkiewicz opta por traduzir o nome próprio e adicionar a palavra “supermercado”, Shinzato decide simplificar a situação recorrendo à oposição entre “fresco” e “e supermercado”.

Em seguida, citarei um exemplo relacionado com a culinária polaca, lituana e bielorrussa:

Tak to wyglądało. Muzyka była głośna i nachalna. Trudno było przy niej rozmawiać, więc wszyscy zajęli się sałatkami, **bigosem** i plastrami wędlin (Tokarczuk 2009: 231).

A festa era assim, com música barulhenta e impositiva. Era difícil falar e, por isso, todos se entregaram ao consumo das saladas, das fatias de carnes frias e do **bigos, um rico prato de chucrute e carnes** (Tokarczuk, 2009/2019a: 210).

As circunstâncias eram essas. A música tocava alto e era irritante. Incomodava na hora de conversar, portanto todos se entregaram a consumir as saladas, **o cozido de repolho** e os frios fatiados (Tokarczuk, 2009/2019b: 171).

Da mesma forma, neste caso refletem-se as estratégias adotadas pelas tradutoras. No texto em português europeu, o nome original aparece em *itálico*, junto com a tentativa de clarificação da sua essência e no texto brasileiro – um equivalente adequado, sem mencionar um elemento da cultura eslava. Uma situação semelhante pode ser observada no exemplo apresentado abaixo:

Na stole wytartym przykrytą ceratą stała brytfanna ze spieczonymi kawałkami jakiegoś Zwierzęcia, a w garnku obok, przykryty białą warstewką tłuszczu, spał **barszcz** (Tokarczuk 2009: 23).

Em cima da mesa, coberta com uma toalha de plástico desgastado, estava uma frigideira com pedaços ressequidos de carne de um Animal e, num tacho próximo, havia um **caldo de beterraba** coberto com uma camada branca de gordura (Tokarczuk, 2009/2019a: 19).

Sobre a mesa coberta por uma toalha impermeável gasta, havia uma caçarola com pedaços assados de algum animal; na panela ao lado, dormia

um pouco de *borsch* sob uma camada branca de gordura (Tokarczuk, 2009/2019b: 16).

Aqui podemos reparar na estratégia oposta adotada pelas tradutoras. No caso de Świątkiewicz aparece o equivalente da sopa que é semelhante à mencionada pela autora. Shinzato decide inserir o termo exótico em itálico, mas o processo não ocorre na direção adequada – a palavra “borsch” sugere a variante ucraniana do prato. Essa escolha pode ser explicada como tentativa de aproximar a grafia da fonética da língua dxs leitorxs brasileirxs. Por último, analisaremos mais um exemplo provindo da cultura popular polaca:

Muzyka stała się jeszcze głośniejsza i skoczna, bo zagrali „**Sokoły**”. Wszyscy, którzy do tej pory nie tańczyli, zerwali się z miejsc jak oparzeni i ruszyli na parkiet. (Tokarczuk 2009: 234)

A música tornava-se cada vez mais ruidosa e mais viva, pois tinham começado a tocar a **canção popular *Sokoły***. Todos aqueles que até aí não tinham dançado saltaram dos lugares, como se tivessem sido escaldados, e fizeram-se à pista. (Tokarczuk, 2009/2019a).

A música aumentou de volume e ficou ainda mais viva, pois tocaram a canção “**Falcões**”⁴ [a nota de rodapé original]. Todos que até então ainda não haviam dançado, se ergueram e invadiram a pista de dança. (Tokarczuk, 2009/2019b: 173).

A canção “*Sokoły*”, bastante emblemática e conhecida na Polónia desde o início do século XIX, no caso da tradução de Świątkiewicz continua com o mesmo título, com uma adição da expressão “canção popular” no texto. Shinzato decide traduzir o título e colocar uma nota de rodapé com a descrição “canção tradicional polonesa” e ambas as decisões parecem um efeito das estratégias implementadas.

Estratégias macrotextuais – adequação ou aceitabilidade

No contexto macrotextual, a discussão sobre estratégias de tradução envolve a consideração das normas de tradução, um conceito introduzido por Gideon Toury, pesquisador israelita. As normas são as regularidades observadas nas escolhas dxs tradutorxs, diretamente relacionadas com o contexto cultural, o que, por sua vez, determina o que é aceitável num ambiente específico e influencia a escolha da estratégia adequada. As “normas iniciais” de Toury referem-se à decisão dxs tradutorxs em seguirem as normas do texto-fonte (refletindo a cultura de origem) ou as normas da cultura e língua dxs destinatárixs. Tal atitude estratégica relaciona-se com os conceitos de adequação na tradução, ligada à fidelidade dxs tradutorxs em relação axs autorxs do texto, ou aceitabilidade na cultura-alvo:

In keeping with that concept, any translator is called upon to make an overall choice between two extreme orientations: heavy leaning on the assumed original (**adequacy**, in our terminology; grifo original), and sweeping **adherence** (grifo original) to norms which originate and act in the target culture itself, thus determining the translation’s acceptability, whether as a TL [target language – anotação nossa] text in general, or, more narrowly, as a translation into that language (Toury 1995: 79).

Assim sendo, será realizada uma análise das escolhas tradutológicas presentes no romance em questão. Iniciaremos com uma exibição de exemplos referentes à culinária dos países eslavos:

Przy każdym poruszeniu opadał z niego śnieg jak z **obsypanego cukrem pudrem faworka** (Tokarczuk 2009: 9).

A cada movimento, a neve caía dele como o açúcar em pó cai das **filhoses polvilhadas**. (Tokarczuk, 2009/2019a: 6).

A neve caía do seu corpo ao mínimo movimento, como se fosse **um cavaquinho polvilhado com açúcar de confeitiro** (Tokarczuk, 2009/2019b: 5).

Ambas as tradutoras decidiram colocar um termo que fosse aceitável do ponto de vista da cultura-alvo. Todos os três doces mencionados – “faworek”, “filhoses” e “cavaquinho” – têm a característica comum de serem fritos e polvilhados com açúcar em pó que é um elemento chave, pois a referência de Tokarczuk faz uma analogia com a neve.

Tokarczuk, muitas vezes, inclui no seu texto vários provérbios e comparações que, de forma metafórica, se referem a certos elementos da realidade e visam enfatizar o carácter popular do enunciado. Segue um exemplo:

Wtedy pomyślałam, że go nie lubię. Nawet więcej: poczułam do niego nagły przypływ niechęci, **ostrej jak chrzan** (Tokarczuk 2009: 40).

Foi então que pensei que não gostava nada dele. Mais, senti por ele uma onda repentina de aversão, **forte como rábano-picante** (Tokarczuk, 2009/2019a: 35).

Foi então que pensei que não gostava dele. Pior ainda: senti uma repentina onda de aversão, **afiada como uma faca** (Tokarczuk, 2009/2019b: 28-29).

A analogia desenvolvida pela autora está relacionada com as propriedades gustativas do rábano-picante, em conexão com a aversão de Duszejko por uma das personagens. Nesse sentido, Świątkiewicz adota uma abordagem de fidelidade em relação ao texto original, enquanto Shinzato escolhe o caminho da compreensibilidade ao substituir o termo “rábano-picante” pela metáfora da “faca”, visando situar xs leitorxs no ambiente descrito, uma vez que a planta em questão lhes é pouco familiar. Segue um exemplo relativo ao mundo da astrologia:

[...] a póki ta planeta przechodzi przez **znak Raka**, apelujemy o unikanie kąpeli i **wycofanie się rakiem** z rodzinnych kłótni (Tokarczuk 2009: 58).

Enquanto este planeta se deslocar pelo **signo do Caranguejo**, apelamos para **que se evitem** banhos de imersão e discussões familiares (Tokarczuk, 2009/2019a: 50).

[...] e enquanto este planeta estiver atravessando o **signo de Câncer**, apelamos que evitem tomar banho e **que andem para trás, como um verdadeiro caranguejo**, na hora das brigas familiares (Tokarczuk, 2009/2019b: 41).

No texto-fonte, a autora faz menção a um provérbio popular polaco relacionado com o caranguejo, simbolizando a ideia de “desistir”. Neste contexto, Świątkiewicz opta por omitir essa parte do texto, enquanto Shinzato preserva o jogo de palavras criado por Tokarczuk, buscando esclarecer e adaptar o seu significado. Além disso, há uma alusão ao signo do zodíaco, uma vez que Janina Duszejko tem interesse por Astrologia e pela leitura de Horóscopos. Essa temática é amplamente explorada no romance, no entanto, as tradutoras demonstram grande cuidado na escolha de equivalentes adequados para conceitos específicos, inclusive corrigindo um *lapsus* da própria autora, como evidenciado na tradução brasileira:

To była bardzo jasna Noc. Czerwcową pełnię nazywa się **pełnią błękitnego Księżyc**a, bo Księżyc przybiera wtedy bardzo piękny niebieski odcień. Według moich „Efemeryd” ta Noc trwa tylko pięć godzin (Tokarczuk 2009: 195).

Era uma Noite muito clara. A Lua cheia do mês de Junho chama-se «Lua **Azul**», **porque adquire, nessa altura, uma bela tonalidade azul**. Conforme dizem as minhas *Efemérides*, esta Noite só tem a duração de cinco horas (Tokarczuk, 2009/2019a: 176).

Foi uma noite muito clara. A lua cheia de junho chama-se **lua de morango, pois assume uma linda coloração rosada**. De acordo com minhas Efemérides, essa noite dura apenas cinco horas (Tokarczuk, 2009/2019b: 144).

A Lua Azul é um termo que designa a segunda lua cheia de um mesmo mês e é, simultaneamente, um fenómeno muito raro (daí, por exemplo, a expressão inglesa “once in a blue moon”). Embora o termo sugira uma coloração azul, na realidade, a lua não fica azulada,

mas pode adquirir um brilho especial. No entanto, tal acontecimento ocorre com mais frequência no inverno e, como podemos concluir do trecho citado, a discussão das personagens tem lugar em junho (não sabemos o ano em que a ação do romance se desenrola, mas, por exemplo, em 2009, ou seja, a data de publicação do livro, a Lua Azul apareceu em dezembro (“Moon Phases...”). O fenómeno muito mais provável no contexto da história é a Lua de Morango que ocorre cada ano em junho (a Lua encontra-se então no lado oposto ao Sol), o que concorda com as circunstâncias descritas e foi notado e corrigido pela tradutora para o português brasileiro. Voltando à realidade polaca refletida no texto, verificaremos mais exemplos:

Byli to głównie dawni **robotnicy pegeeru**, teraz na **zasilkach**, od czasu do czasu imający się pracy przy wyrębie lasu (Tokarczuk 2009: 49).

Eram sobretudo antigos **trabalhadores da Cooperativa Agrícola Estatal**, agora **desempregados e a viver do subsídio**, que de vez em quando faziam uns biscates no abate da floresta (Tokarczuk, 2009/2019a: 43).

Eram, sobretudo, **antigos operários das fazendas estatais**, agora sustentados à base de **benefícios**, contratados ocasionalmente para a extração de madeira da floresta (Tokarczuk, 2009/2019b: 36).

O termo “pegeer” é uma forma derivada da abreviatura “PGR” (pol. Państwowe Gospodarstwo Rolne) que se refere às empresas agrícolas socialistas que surgiram na Polónia após a Segunda Guerra Mundial. Ambas as tradutoras tentaram manter-se fiéis ao termo original, no entanto, Świątkiewicz conseguiu enfatizar a essência do contexto referido por Tokarczuk de forma mais clara. A palavra-chave aqui é o “subsídio”, uma vez que após várias reorganizações das empresas, essa forma de ajuda financeira foi oferecida aos trabalhadores que perderam o emprego. A palavra “benefício” escolhida por Shinzato não é tão oportuna:

1. Bem que generosamente se faz a alguém.
2. Beneficiação. (“Benefício”)

A expressão significaria então um financiamento adicional provindo de uma situação vantajosa, o que é contrário ao contexto histórico da segunda metade do século passado vigente na Polónia. Passemos a outro trecho que, da mesma forma, deve ser analisado tendo em conta o aspeto histórico, mas, desta vez, com raízes nos séculos XVII e XVIII:

Wszyscy wiedzieli, że Prezes **jest niezłym hulaką i ma sarmacką fantazję**, niebezpieczną dla siebie i innych. Trzeba było potem tuszować jego wybryki (Tokarczuk 2009: 233).

Todos sabiam que o Presidente **era um folião danado, e tinha fantasia de sármata**, perigosa para si e para os outros. Além disso, era preciso abafar os seus excessos (Tokarczuk, 2009/2019a: 210).

Todos sabiam que o diretor **era festeiro e que tinha uma tendência fértil, tipicamente eslava**, perigosa para ele próprio e para os outros. Depois, era preciso encobrir seus desmandos (Tokarczuk, 2009/2019b: 172).

“Sarmata” é um integrante da aristocracia polaca durante o período que abrange o século XVI e a primeira metade do século XVIII; o termo carrega um sentido pejorativo, uma vez que o próprio “sarmatismo” era utilizado para legitimar a supremacia da nobreza sobre o restante da sociedade polaca da época mencionada. A palavra é bastante específica e distante do horizonte cognitivo português e brasileiro, o que torna a tradução problemática. A proposta de Świątkiewicz é aplicar a estratégia de adequação e realizar uma tradução próxima ao texto-fonte; a palavra encontra-se bem delineada nos dicionários disponíveis e é correta considerando os contextos polacos introduzidos por Tokarczuk:

1. Relativo à Sarmácia ou aos sármatas.
2. Membro de um antigo povo nómada da Rússia meridional que habitava a Samártia, região entre o Vístula e o mar Cáspio (Dicionário Priberam).

Adj. || que diz respeito a Sarmácia, nome antigo de uma região a oeste do Vistula. || - *s. m. ef* natural ou habitante da Sarmácia. F. Cf. lat. *Sarmatae* (Dicionário Aulete).

Shinzato cria a expressão “tipicamente eslava” querendo manter a estratégia de aceitabilidade, porém a sua escolha sugere que o abuso de álcool e as suas consequências são características intrínsecas aos povos eslavos, promovendo assim uma imagem estereotipada. É importante ressaltar que xs tradutorxs são em geral responsáveis pela representação do Outro na cultura-alvo, o que torna a decisão da tradutora brasileira inapropriada neste caso.

Referências intertextuais no texto-fonte

O conceito de intertextualidade abrange a análise das relações entre os textos, não se restringindo apenas ao âmbito literário, mas estendendo-se a toda a produção cultural, como a arte, a música, a arquitetura e as referências aos eventos significativos de uma determinada sociedade. Esses traços são evidentes no livro *Prowadź swój plug przez kości umarłych*, que apresentou às tradutoras um desafio considerável no campo da tradução. Iniciaremos a nossa análise pelos elementos intertextuais ligados à literatura e à poesia:

Ale teraz, gdy popatrzyłam na Suke, przyszło mi natychmiast do głowy ludzkie imię – **Marysia. Może od sierotki**, taka była zabiedzona (29).

Mas, agora, ao olhar para a Cadela, ocorreu-me um nome humano – **Marysia. Talvez por causa do conto popular sobre a órfã Marysia**, que também era pobre e escanzelada (Tokarczuk, 2009/2019a: 25).

Mas, agora, quando olhei para a cadela, pensei imediatamente num nome humano – **Mariazinha. Talvez por associá-lo com uma órfã**, pois seu aspecto era deplorável (Tokarczuk, 2009/2019b: 21).

O krasnoludkach i o sierotce Marysi, ou seja, um conto de fadas de 1896 da renomada escritora polaca Maria Konopnicka, é uma

narrativa amplamente reconhecida entre xs leitorxs do seu país de origem. A frase elaborada pela autora evoca uma série de associações que dispensam quaisquer comentários adicionais para o público polaco. No entanto, ao traduzir o romance, a situação torna-se diferente, pois a história pode muito provavelmente não ser familiar para xs leitorxs portugueses e brasileiros. Świątkiewicz, como destacado anteriormente, recorre frequentemente à inserção de clarificações diretas no texto para facilitar a compreensão, aumentando assim a extensão do mesmo. No trecho em análise, optou por adicionar “o conto popular” para indicar a origem da personagem mencionada. Shinzato introduz o nome “Mariazinha”, o que poderíamos ter considerado enriquecedor, senão fosse o facto de carecer de explicação sobre a ligação do nome com a órfã, tornando a referência incompreensível para contextos culturais distintos. Por fim, apresentarei um exemplo relacionado com a história – relativamente recente – da nação polaca:

Zawsze, kiedy się organizuje jakieś podejrane hucpy, na samym początku wciąga się w to dzieci. **Pamiętam, że tak samo wrabiano nas w pochód pierwszomajowy. Dawno, dawno temu** (Tokarczuk 2009: 269).

Sempre que se organizam práticas duvidosas, em primeiro lugar, mobilizam-se as crianças. **Lembro-me de que isto já acontecia quando nos obrigavam a desfilar no Primeiro de Maio, há muito, muito tempo, nos tempos do comunismo** (Tokarczuk, 2009/2019a: 244).

Sempre que se organiza algum tipo de fraude duvidosa, envolvem-se as crianças desde o começo. **Lembro-me que da mesma forma, há muitos anos, nos metiam nos desfiles do Primeiro de Maio** (Tokarczuk, 2009/2019b: 20).

É um trecho referente à memória da geração de Duszejko e aos desfiles do Primeiro de Maio – em teoria a celebração espontânea da classe trabalhadora, sendo na prática um teste de lealdade dxs participantes submetidxs ao regime comunista. Świątkiewicz acrescenta uma breve explicação no texto, especificando o tempo do evento referido, ou seja, o comunismo. Ao mesmo tempo, é uma parte da história

de um país bastante afastado da realidade dxs leitorxs brasileirxs, mas, mesmo assim, Shinzato decide deixar a tradução sem explicações contextualizadoras adicionais.

Conclusões

As análises realizadas referiram-se às estratégias de tradução adotadas pelas tradutoras e às possíveis distorções que poderiam ser observadas nos dois textos traduzidos. A realidade polaca, tanto em termos locais quanto em relação à memória coletiva e às conexões intertextuais descritas no livro, apresenta diferenças significativas em relação àquela conhecida pelxs leitorxs portuguesxs e brasileirxs. No entanto, é possível notar duas abordagens distintas por parte das tradutoras em relação ao texto-fonte.

Teresa Fernandes Świątkiewicz decide optar pelas estratégias de exotização e adequação no seu texto em relação ao original, o que pode ser notado graças aos inúmeros empréstimos provindos da língua polaca, assim como referências a certos fenómenos, distinguidos em itálico e clarificados axs leitorxs através de breves explicações inseridas no próprio texto, evitando o uso de notas de rodapé. Esta estratégia é implementada de forma bastante consistente ao longo do texto e visa aproximar xs leitorxs dos elementos exóticos, integrando-os no texto e demonstrando como funcionam “em polaco” ou “à polaca”, conforme citado pela tradutora.

Olga Bagińska-Shinzato implementa a estratégia de domesticação e aceitabilidade do ponto de vista da cultura-alvo, o que tem a sua razão compreensível – algumas informações pressupostas no país de origem da autora podem não ter relevância para o público leitor destinatário do outro círculo cultural. Embora essa estratégia possa ser eficaz em muitos casos, também surgem soluções que podem ser consideradas inadequadas, como no caso de substituir “sarmacki” por “tipicamente eslavo”. A tradutora, em certos momentos, mantém os termos originais, mas ajusta a sua grafia de acordo com as regras fonéticas do português brasileiro para facilitar a leitura, o que pode ter

consequências ao alterar a raiz etimológica de uma palavra, como foi o caso de “borsch” ucraniano em vez de “barszcz” polaco.

No que diz respeito à recepção do livro de um modo geral, tanto em Portugal quanto no Brasil, esta revelou-se extremamente prometedora, coincidindo com a notícia do Prémio Nobel atribuído a Olga Tokarczuk em 2019. Tal evento despertou, ainda mais, o interesse do público a nível mundial. O que se torna intrigante é o reconhecimento sucessivo da autora no Brasil, seja no meio académico – onde, por exemplo, foi publicada a tradução (de Alcione Nawroski) do seu discurso por ocasião da cerimónia de entrega do Prémio Nobel – seja entre o público em geral, como demonstram inúmeros artigos disponíveis na Internet e em revistas especializadas. O sucesso da prosa da autora, e consequentemente dos tradutores, é evidenciado pelo número crescente das suas obras presentes nos mercados editoriais estrangeiros, um objetivo sem dúvida alcançado por Teresa Fernandes Świątkiewicz e Olga Bagińska-Shinzato.

Bibliografia

Referências bibliográficas

- TOKARCZUK, O. (2009), *Prowadź swój plug przez kości umarłych*, Wydawnictwo Literackie, Kraków.
- TOKARCZUK, O. (2009/2019a), *Conduz o Teu Arrado sobre os Ossos dos Mortos*, trad. Świątkiewicz T.F., Cavalo de Ferro, Amadora.
- TOKARCZUK, O. (2009/2019b), *Sobre os ossos dos mortos*, trad. Bagińska-Shinzato O., Todavía, São Paulo.
- TOURY, G. (1995), *Descriptive Translation Studies – and beyond. Revised edition*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.
- VENUTI, L. (1995), *The Translator's Invisibility*, Routledge, London.

Fontes da Internet

- Agências, Associated Press (2020), “Olga Tokarczuk rejeita a cidadania honorária da Baixa Silésia, na Polónia”, [on-line], <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/olga-tokarczuk-rejeita-a-cidadania-honoraria-da-baixa-silesia-na-polonia/>, 11.04.2022.

- NOGUEIRA, P. (2019), “Olga Tokarczuk analisa a natureza do mal em ‘Sobre os ossos dos mortos’”, [on-line], <https://www.estadao.com.br/cultura/olga-tokarczuk-analisa-a-natureza-do-mal-em-sobre-os-ossos-dos-mortos/>, 11.04.2022.
- RTP (2019), “Novo livro da Nobel da Literatura Olga Tokarczuk chega às livrarias em edição reforçada”, [on-line], <https://www.rtp.pt/noticias/cultura/novo-livro-da-nobel-da-literatura-chega-as-livrarias-em-edicao-reforcadan1181422>, 9.04.2022.
- Sapo, “Nobel para Olga Tokarczuk foi ‘ótima surpresa’”, [on-line], <https://24.sapo.pt/vida/artigos/nobel-para-olga-tokarczuk-foi-otima-surpresa>, 8.04.2022.
- “‘Sem cultura sociedade nenhuma sobreviverá’, diz Olga Tokarczuk, Nobel de Literatura”, [on-line], <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/sem-cultura-sociedade-nenhuma-sobrevivera-diz-olga-tokarczuk-nobel-de-literatura/>, 11.04.2022.
- STL, “Książki Olgi Tokarczuk na świecie”, [on-line], <https://stl.org.pl/ksiazki-olgi-tokarczuk-na-swiecie/>, 8.04.2022.